

## UMA REFLEXÃO SOBRE O TURISMO ATRAVÉS DAS LENTES TEÓRICAS DOS ESTUDOS CULTURAIS

*A reflection upon tourism under the eyes of cultural studies*

Manoela Barbacovi<sup>1</sup>

**RESUMO:** O turismo é uma área das ciências sociais que demanda uma investigação multidisciplinar, contudo, verifica-se, em muitas pesquisas, uma visão pulverizada, preterindo a integralidade do fenômeno turístico. Sob essa perspectiva, o presente artigo tem por objetivo investigar como os campos dos Estudos Culturais e do Turismo se articulam e como eles podem ampliar as discussões sobre aspectos turísticos, no que tange a construção, promoção dos destinos e, bem como, as questões de patrimonialização, a fim de ultrapassar o cenário disciplinar. Para isso, através de uma pesquisa qualitativa exploratória, buscou-se, inicialmente, analisar o termo *turismo*, conhecer algumas de suas nuances e suas complexidades, com a intencionalidade de, a seguir, refletir sobre ele, por meio do aporte teórico dos Estudos Culturais. Logo, para compreender os efeitos dessa articulação, foram analisadas dissertações que tinham por objeto de pesquisa aspectos do turismo e que foram defendidas no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, cuja base teórica são os Estudos Culturais. Dentre os achados contingentes desse estudo, destaca-se o poder articulatório dos Estudos Culturais, haja vista seu caráter transdisciplinar e, principalmente, a potencialidade de seus conceitos teóricos para opulentar análises sobre turismo.

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Culturais em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU-ULBRA). Mestrado em Estudos Culturais em Educação pela Universidade Luterana do Brasil. Supervisora Pedagógica na Rede Municipal de Ensino de Gramado/RS. E-mail: [manubarbacovi@gmail.com](mailto:manubarbacovi@gmail.com)

**Palavras-chave:** Turismo; Estudos Culturais; Articulação.

**ABSTRACT:** Tourism is an area of the social sciences that demands a multidisciplinary investigation. However, in many studies, a pulverized view is verified, neglecting the integrality of the tourism phenomenon. From this perspective, this article aimed to investigate how the fields of Cultural Studies and Tourism are articulated and how they can broaden discussions on tourism aspects, in terms of construction, promotion of destinations and patrimonialization issues, in order to overcome the disciplinary scenario. For this, through exploratory qualitative research, it was initially sought to analyze the term tourism, to know some of its nuances and complexities, with the intention of reflecting on it, through the theoretical contribution of Cultural Studies. Therefore, in order to understand the effects of this articulation, dissertations that had aspects of tourism as their research object and that were defended in the Graduate Program in Education at the Lutheran University of Brazil, where the theoretical basis is Cultural Studies, were analyzed. Among the contingent findings of this study, the articulatory power of Cultural Studies stands out, given its transdisciplinary nature and, mainly, the potentiality of its theoretical concepts to enrich analyzes on tourism.

**Keywords:** Tourism; Cultural Studies; Articulation.

## 1 INTRODUÇÃO

O turismo, conforme Brambilla (2015), é um ramo das ciências sociais que demanda uma análise articulada para evitar um estudo fragmentado. Contudo, é recorrente que muitas pesquisas o analisem através da mobilização de diversas áreas, mas segundo a autora, isso ocorre sem uma visão global, desconsiderando a totalidade do fenômeno turístico. Para transcender essa visão pulverizada, busca-se nos Estudos Culturais, averiguar possibilidades de ampliar os horizontes das análises sobre turismo, para evitar compreendê-lo por um viés reducionista.

Assim, esse artigo buscou responder às seguintes indagações: como os campos dos Estudos Culturais e do Turismo se articulam? Como os Estudos Culturais, que dialogam com o campo da Educação, podem ampliar as discussões dos fenômenos turísticos? Para isso, procurou-se, *a priori*, analisar o termo turismo, identificar algumas das complexidades enredadas a ele e, em seguida, refletir sobre o que se entende como “turístico”, através dos Estudos Culturais.

Nesse sentido, empreendeu-se um exercício de revisão teórica sobre o turismo, bem como, acerca dos Estudos Culturais, para analisar os efeitos da possibilidade de articulação entre ambos. Para ampliar essa análise, visou-se, ainda, realizar um levantamento de trabalhos acadêmicos que estudaram aspectos do turismo através das lentes dos Estudos Culturais. As produções acadêmicas examinadas integram o repositório do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, o qual tem como base teórica os Estudos Culturais, de modo que, para serem incluídas nesse estudo, as teses e dissertações deveriam possuir como objeto de pesquisa o turismo.

Assim, na primeira seção deste artigo, “O que é turismo? Uma reflexão sobre suas definições”, buscou-se discutir o que se entende por turismo, visando ampliar sua compreensão para além da perspectiva economicista. Em “Turismo e Estudos Culturais: Possibilidades de articulação”, ao apresentar os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, pretendeu-se explorar as possibilidades de articulação entre essa vertente teórica e o Turismo. Já na terceira, discutiu-se a premissa metodológica e evidenciaram-se os critérios de seleção dos trabalhos acadêmicos que compuseram o corpus analítico desse artigo. Na quarta seção, apresentou-se a análise das dissertações que contemplaram aspectos do turismo através das lentes dos Estudos Culturais. Por fim, na quinta seção, aduziu-se as conclusões.

## 2 O QUE É TURISMO? UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS DEFINIÇÕES

De acordo com a raiz etimológica da palavra, compreende-se que o turismo pressupõe um movimento de saída e regresso, pois conforme Moesch (2002), o vocábulo vem do latim *tornare*, verbo que denota circularidade e pressupõe a noção de retorno à origem.

Conforme essa autora, o turismo teve início em meados do século XIX, contudo,

apenas a partir de 1960, irrompeu como possibilidade de lazer para inúmeras pessoas e, também, como um setor econômico, sendo que hoje, ele ocupa a terceira posição na indústria mundial, estando atrás, somente, da indústria petrolífera e da automobilística.

É relevante salientar que em detrimento da emergência da Pandemia do Covid-19, no ano de 2020, ocorreu em nível mundial, uma redução significativa desse setor. No Brasil, de acordo com o Ministério do Turismo (2021), houve uma redução de 59% do faturamento desta atividade. A fim de mitigar esse impacto socioeconômico, o poder público federal lançou no final de 2020, uma ação pela Retomada do Turismo, juntamente com a iniciativa privada, o Sistema S, sob a coordenação do Ministério do Turismo, a qual foi a responsável pela criação dos protocolos de biossegurança e do selo de turismo responsável para volta em segurança das atividades desse setor.

Embora o turismo seja do conhecimento geral, como a atividade que pressupõe a suspensão momentânea da rotina diária e dos compromissos laborais para a vivência de experiências que antagonizam com o trivial, o cotidiano, suas definições devem ser discutidas em profundidade, pois, trata-se de um fenômeno polissêmico. Os autores Rojek e Urry (1997) ao analisarem algumas das acepções do turismo, alertam para os riscos de uma compreensão reducionista dessa atividade. Para essa reflexão, inicialmente, problematizam a noção de turismo como uma viagem cuja duração seja superior a quatro dias e inferior a um ano. Sendo que, para os pesquisadores, a problemática dessa definição ignora o significado que teve a viagem aos visitantes e, ademais, pretere o reconhecimento dos desejos que as pessoas trazem consigo, antes mesmo de chegar ao local turístico.

Outra definição, para a qual alertam, é conceituá-lo como um conjunto de atividades econômicas. A partir desta perspectiva, o turismo é analisado de forma limitada, pois dados estatísticos pouco expressam acerca da diversidade qualitativa das experiências turísticas. Também Tribe (2007), salienta que por mais que a atividade turística seja caracterizada por fluxos monetários, ela claramente engloba mais que índices econômicos.

Nesse sentido, é relevante mencionar que, para Przeclawski (1993), além da dimensão econômica, o turismo possui um viés psicológico, social, cultural, que o torna um fenômeno complexo, sendo que para compreendê-lo através de uma perspectiva holística, faz-se necessário uma investigação interdisciplinar e multidisciplinar.

Assim, nota-se a intencionalidade dos autores supracitados para desconstruir uma acepção reducionista do termo turismo, no sentido de estudá-lo em um amálgama mais amplo, ou seja, não só como uma atividade econômica, claramente circunscrita e identificável. Mas sim, como um fenômeno sociocultural constituído por um conjunto complexo de discursos e práticas sociais, haja vista o diálogo que há entre o turismo e a cultura. Pois, conforme Rojek e Urry (1997), o turismo é uma prática cultural e deve ser analisado através de teorias e conceitos da análise cultural.

Nesta direção, através dessa reflexão lacônica sobre o termo, pretendeu-se ampliar as compreensões de turismo para além da mera perspectiva econômica,

ao se evidenciar sua primordialidade cultural, a qual advém de um conjunto de discursos que produzem o turismo como um fenômeno da cultura. Na seção a seguir, ao valer-se dessa oposição entre turismo e cultura, pretende-se investigar essas práticas discursivas e compreender como os Estudos Culturais podem viabilizar uma compreensão mais ampla sobre a atividade turística.

### 3 TURISMO E ESTUDOS CULTURAIS: POSSIBILIDADES DE ARTICULAÇÃO

Através das teorizações de Rojek e Urry (1997), foi possível reconhecer a natureza cultural que possui o turismo. Também, Crouch (2009), ao conceitua-lo como um fenômeno cultural, afirma que os Estudos Culturais podem ser vistos como um arcabouço teórico fértil para compreender os significados das experiências turísticas, tanto para os turistas, como para os autóctones de um destino.

Porém, como os Estudos Culturais podem contribuir para os estudos do turismo? Para responder, é imprescindível a exposição compendiosa da sua gênese, de suas premissas metodológicas e de seus principais conceitos teóricos.

Elaborar um esboço teórico que defina os Estudos Culturais significaria enquadrá-los e compreendê-los a partir de uma visão essencialista. Grossberg, Nelson e Treichler (2011) afirmam que é impossível aceitar uma narrativa monolítica para os Estudos Culturais. Nesse sentido, para entendê-los, enuncia-se que surgiram na Inglaterra, após a segunda guerra mundial, sob o propósito de prover uma educação democrática e de valorização das “subculturas” juvenis inglesas. Seus principais precursores teóricos foram Raymond Williams, Richard Hoggart, Edward Thompson. Segundo Costa, Silveira e Sommer (2003), a consolidação dessa vertente teórica, como uma prática intelectual institucionalizada, deu-se a partir da fundação do centro de estudos, Contemporary Cultural Studies, em 1960, na Universidade de Birmingham

Assim, principalmente pelas contribuições de Williams, os Estudos Culturais rompem com as concepções de cultura dispostas até aquele momento e com o confronto entre “alta cultura x baixa cultura”. Hall (2016), explica que a cultura popular, durante muitos anos, caracterizou-se por adjetivos pejorativos e sempre depreciada em vista da alta cultura, aquela proveniente das obras clássicas da literatura, da pintura, da música e da filosofia. Conforme o autor, nos últimos anos, em um contexto mais próximo das ciências sociais, o vocábulo passou a caracterizar o modo de vida de um povo, o que concedeu à cultura não só uma definição antropológica, mas, também, sociológica.

Contudo, foi com a Virada Cultural que a cultura passou a ser entendida como um conjunto de práticas, as quais, segundo Hall (2016), englobam a produção, o intercâmbio de sentidos e o compartilhamento de significados entre os membros de uma sociedade. Ressalta-se que, com a Virada Cultural, a cultura assumiu, no meio social, um viés substantivo e epistemológico. Conforme Hall (1997), pelo seu caráter substantivo, demarca-se o papel que ela detém para a organização de

atividades e instituições, que comunicam significados e influenciam no processo de produção das identidades dos sujeitos. Já, seu viés epistemológico, refere-se às questões de conceptualização, ou seja, como a cultura é usada para transformar a compreensão, explicação e elaboração de modelos teóricos de mundo. Nesse contexto da Virada Cultural, também Du Gay *et al.* (1997), destacam o protagonismo da cultura, identificando-a não mais como resultado de processos econômicos ou políticos, mas sim, como o elemento constitutivo do mundo social, bem como, das próprias dinâmicas político-econômicas, pois todas as práticas sociais são, ainda, de significação, que são fundamentalmente culturais.

A cultura passa, assim, a ser entendida como aquilo que dá significado às práticas diárias dos sujeitos. Também, por conseguinte, afirma-se que há uma espécie de dupla articulação entre os Estudos Culturais e a cultura, na qual ela “é simultaneamente o terreno sobre o qual a análise se dá, o objeto de estudo e o local da crítica e da intervenção política” (GROSSBERG; NELSON; TREICHLER, 2011, p. 14). Mediante essa inter-relação, irrompe um conceito teórico fundamental dos Estudos Culturais, o de Representação que, para Hall (2016), relaciona-se à produção de significados compartilhados na cultura, envolvendo uso da linguagem para significar, representar objetos.

O mecanismo de representação é marcado pela presença de um significante (código linguístico ou imagético) e de um significado. Como os significantes derivam da linguagem, seja essa verbal, imagética e, ainda, pelo fato de o vínculo entre o significante e o significado sempre resultar de uma prática social permeada por relações de poder. Conforme afirma Silva (2006), a linguagem, para os Estudos Culturais, não é vista como mimética ou reflexiva da realidade que se espelha, mas sim, como um meio produtor de significados.

Ressalta-se, por conseguinte, a notabilidade desse conceito para refletir sobre o que se entende por Pontos Turísticos. Para Rojek (1997) eles são locais que se distinguem das trivialidades do cotidiano de uma cidade, por aspectos naturais, históricos ou culturais e, instituem-se, no meio social, através de uma oposição binária entre o corriqueiro do cotidiano e o extraordinário, sendo que esse antagonismo é construído culturalmente, ou seja, por meio de mecanismos de representação. O autor também denomina esse processo como *index of representations* (lista de representações), que consiste em um conjunto de signos, imagens acerca do lugar original que, além de produzir o atrativo turístico na cultura popular, intentam incrementar sua visibilidade continuamente.

Acerca da construção cultural dos pontos turísticos, Rojek (1997) acrescenta que os processos de representação convocam, recorrentemente, as influências decorrentes do mito e da fantasia, pois, para visitar essas atrações, pressupõe-se o abandono da rotina diária para o desconhecido, o que incita à fantasia, à especulação daquilo que será visto. Ainda, por serem instituídos culturalmente, seus significados, suas representações, são dinâmicos, variando com o tempo.

Nessa direção, apercebe-se a notabilidade da linguagem para o turismo, pois é ela quem engendra os processos de representação, produzindo e disseminando no

entorno aquilo que é “turístico”. Salim, Ibrahim e Hassan (2012) destacam, também, a ampla aplicabilidade dos recursos linguísticos, pela publicidade e outros veículos midiáticos, para oferecer um retrato detalhado das atrações de um destino, com vistas a persuadir, seduzir as pessoas para visitá-lo. Sobre a publicidade turística, Djafarova e Andersen (2010) sobrealçam as metáforas, por explorarem o valor simbólico do produto turístico, que através da transferência de significados de um vocábulo para outro, estabelecem analogias por meio de comparações, projetando ao turismo características intangíveis.

Para os autores, por exemplo, quando se divulga um destino, por meio do emprego dessa figura de linguagem, comparando-o à ideia de paraíso, ela induz seu receptor a determinadas interpretações, como “cenas de esplendor”, “viagem dos sonhos”, que visam captar o interesse das pessoas para visitar esse local. Não só por suas belezas, mas pelas possíveis experiências que elas conjecturam vivenciar nesse destino, que são geradas mentalmente nos indivíduos pela propaganda.

Outro conceito dos Estudos Culturais que exhibe préstimo para análise do Turismo é o de Identidade, que adquire sentido por meio da linguagem pela qual é representada. Os Estudos Culturais rejeitam uma concepção fixa e essencialista de identidade, estribada em questões raciais ou biológicas. Para Hall (2000), esse conceito opera sob rasura, no intervalo entre a inversão de um sujeito iluminista e a emergência de um sujeito descentrado e deslocado no interior do paradigma. O autor indica, ainda, que é na tentativa de rearticular o sujeito em relação às práticas discursivas que a identidade se evidencia.

Nessa direção, para Hall (200), as identidades são entendidas como um ponto de apego provisório a uma determinada posição de sujeito. Portanto, reconhecer-se numa identidade é resultado de uma sutura temporária do sujeito ao fluxo discursivo. Ressalta-se, também, que para os Estudos Culturais, ela é um conceito posicional, pois é marcada pela diferença: “A identidade é, na verdade, relacional e a diferença é estabelecida por uma remarcação simbólica relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14).

Ainda sobre as identidades, na perspectiva dos Estudos Culturais, salienta-se que, por não serem admitidas como imutáveis, elas estão em constante processo de fragmentação e descentramento. Silva (2000) destaca uma série de movimentos conspiratórios, desde o início da pós-modernidade, que vêm subvertendo sua fixidez. Dentre eles, Hall (2005) sobrealça o efeito da globalização sobre as identidades, que as pluraliza, criando uma variedade de novas posições de identificação, tornando-as menos unificadas e trans-históricas.

Nessa direção, compreende-se as “perturbações” que as identidades e culturas nacionais, regionais, locais dos mais diversos países sofrem devido a globalização. Pois para Rojek (1997) além das pessoas, também, objetos simbólicos da cultura de um país viajam para outras nações. E, deixando de ser exclusivos a um território ou povo específico, passam a ser produzidos em outros locais, ensejando a projeção de um novo espaço cosmopolita global. Sendo que tal fenômeno, Friedman (1994) denomina de cultura “superorgânica” e “superterritorial”.

Pela perspectiva de Hall (2000), viu-se que as identidades se constituem e adquirem sentido por meio da linguagem pela qual são representadas logo, menciona-se a trivialidade com que são reconstruídas as identidades dos locais turísticos, para revestir um destino de uma atratividade cultural. Baptista e Silveira (2017), ao analisarem a exotização do “outro” no marketing de destinos turísticos, explicam que é recorrente, na publicidade, a seleção de imagens, mensagens que (re)criam, reiteram estereótipos, objetivando que visualizadores se apropriem das particularidades culturais de um destino, incitando-os para visitá-lo.

Quanto à metodologia dos Estudos Culturais, destaca-se que suas investigações não assumem explicações totalizantes e unidimensionais. Na verdade, eles são considerados um pensamento teórico sem garantias que, segundo Restrepo (2016, p. 92), “se funda na noção de articulação, quer dizer, que as coisas do mundo (práticas, entidades, ideias, etc.) resultam das relações que as constituem”. Portanto, suas explicações são transitórias e temporárias. Para Grossberg, Nelson e Treichler (2011) o préstimo dos Estudos Culturais às pesquisas, não se institui pela presença de um método ideal e pertencente, exclusivamente, ao seu arcabouço, mas sim, pela “fluidez” que detêm para “manar” pelas disciplinas e, com elas, estabelecer elos, que lhes facultam lentes teóricas interdisciplinares, opulentando suas explicações.

É relevante salientar que as Análises Culturais constituem a abordagem metodológica mais consuetudinária dos Estudos Culturais, que, para Silva (2010), buscam questionar visões essencializadas, evidenciando as origens de uma invenção, bem como, os processos que a naturalizaram. Por isso, elas operam no sentido de desconstruir estruturas e práticas sociais tidas como intrínsecas à realidade, sejam elas textos literários e científicos, publicações jornalísticas, publicitárias ou midiáticas.

Rojek e Urry (1997) afirmam que o turismo é uma prática cultural, que se estabelece no entorno pelos significados culturais a ele associados, através de recursos linguísticos e imagéticos que lhes atribuem sentidos. Com base nisso, lobriga-se a relevância da Análise Cultural para o estudo de aspectos do turismo, pois ela viabiliza a desconstrução de representações estereotipadas, concepções naturalizadas, não só dos destinos turísticos, de seus atrativos, mas também, dos seus autóctones, cujas identidades são, frequentemente, representadas por narrativas particulares para incrementar o apelo turístico do local.

Destarte, reitera-se que esse campo, por intermédio das Análises Culturais e de suas lentes teóricas multidisciplinares, facultam a ampliação do olhar de indagação sobre os textos de divulgação turística e outros temas do espectro turístico, como autenticidade, noções do sagrado, cultura de anfitriões e hóspedes, juntamente com questões de gênero, nacionalismo, classe e etnia, conforme cita Crouch (2009).

Através desta breve exposição dos Estudos Culturais, descreveu-se suas especificidades e, a despeito de como seus conceitos teórico-metodológicos podem contribuir para análise do turismo. A seguir, apresentar-se-á os pressupostos metodológicos que nortearam esse estudo para, após, analisar trabalhos acadêmicos idealizados por pesquisadores que estudaram aspectos turísticos à luz dos Estudos Culturais.



#### 4 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo desse artigo, conhecer e compreender como os Estudos Culturais podem opulentar as discussões dos fenômenos turísticos, foram analisados trabalhos acadêmicos que diligenciaram por dilucidar o turismo através dessa vertente teórica. Logo, empreendeu-se uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratória, pela sua particularidade de, conforme Oliveira (2018), permitir um estudo detalhado de um fenômeno da realidade.

Assim, analisaram-se produções do Programa de Pós-Graduação em Educação, vinculado à Universidade Luterana do Brasil. A escolha por esse curso *stricto sensu*, se deu pelo mesmo possuir como base teórica os Estudos Culturais. Dentre os trabalhos disponíveis em seu repositório digital, compuseram esse *corpus analítico* aqueles que estiveram em consonância ao seguinte critério de seleção: possuir como objeto de estudo o turismo. Através desse balizador, selecionaram-se quatro dissertações, que são apresentadas no quadro abaixo.

QUADRO 1 - DESCRIÇÃO DO CORPUS ANALÍTICO

Autor(a)	Título	Ano
Maria Cláudia Rodrigues	Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza: uma análise cultural dos caminhos rurais de Porto Alegre.	2011
Márcia Martins	A invenção do patrimônio cultural Villa Mimosa, Canoas/RS: representações e pedagogias culturais.	2014
Carlos Alberto Liebgott	Viajar, contemplar e consumir a natureza nos espaços híbridos de Turismo Pedagógico.	2015
Luciana Lopes de Freitas	Festas regionais como pedagogias culturais: um estudo sobre a Kuchenfest e no Rolantchê no município de Rolante – RS	2018

FONTE: O AUTOR.

Ressalta-se que as dissertações escolhidas para esse estudo abordam temáticas relacionadas ao turismo pedagógico, patrimônios culturais, eventos e celebrações étnicas. Na próxima seção, a despeito de cada uma dessas produções acadêmicas, visar-se-á identificar e examinar o préstimo que as lentes teóricas dos Estudos Culturais lhes conferiram.

## 5 ANÁLISE DE PESQUISAS QUE DILUCIDAM O TURISMO ATRAVÉS DOS ESTUDOS CULTURAIS

A análise das dissertações que compõem o corpus analítico desse artigo foi realizada assumindo a perspectiva de um leitor, para além de recolher informações acerca dessas pesquisas, mas, no sentido de Larrosa (2003), de ao lê-las, reelaborar o já elucidado, explorando os significados produzidos a partir dessa escrita. Ademais, almejou-se visualizar e refletir acerca dos nexos entre os Estudos Culturais e o Turismo e sobre os efeitos produzidos por essa articulação.

Ao recrutar-se a habilidade da leitura, sob as orientações de Larrosa (2003), iniciam-se as análises, com a apresentação da dissertação de Liebgott (2015), intitulada “Viajar, contemplar e consumir a natureza nos espaços híbridos de Turismo Pedagógico”. Esse autor examinou o turismo pedagógico de Urubici, em Santa Catarina, apresentando como os diferentes discursos e representações sobre o turismo reinventam o município, as práticas cotidianas, os locais, a natureza e, também, como atuam na construção das identidades dos moradores locais.

Para compreender essa pesquisa, é imprescindível refletir sobre as noções de “turismo pedagógico”. Contudo, para isso, é necessário apropriar-se daquilo que se entende por pedagogias culturais. Outro importante conceito dos Estudos Culturais, que, para Steinberg (2016), compreende a dimensão educativa da hiper-realidade, pois a aprendizagem vem se deslocando para outros espaços socioculturais, fora da escola, como bibliotecas, igrejas, programas televisivos, teatro, cinema. Sobretudo, locais turísticos como feiras, festivais, exposições, parques, que operam, também, como tecnologias culturais, que, para Simon (2011) estão imbrincadas na geração de significados. Esses significados produzem efeitos pedagógicos sobre as pessoas, influenciando sobre a formação e regulação de suas identidades e, nos modos como interagem com o meio e com os outros em cada local.

Ao empregar esse conceito, é possível lobrigar que Liebgott (2015), mobilizou-o para evidenciar a dimensão pedagógica que a atividade turística apresenta em Urubici, ao operar como uma espécie de pedagogia, ensinando às pessoas a reconhecerem certos locais como turísticos, como os visitantes devem se portar nestes espaços, entre outros aspectos. E, ainda, produzindo efeitos pedagógicos sobre os moradores, os reinventando e, também, instruindo-lhes acerca de como devem ser seus modos de ser cidadão diante das especificidades da atividade turística que se desenvolve em sua cidade.

Ademais, o pesquisador utilizou o termo turismo pedagógico, para analisar locais que foram ressignificados, para oferecer aos turistas uma experiência de aprendizagem atrativa e consumível. Acerca dessa dimensão educativa do turismo, Kusztelak (2017) afirma que as pessoas viajam por uma motivação de ordem subjetiva e não por um critério formal específico. Consoante a esse autor, é através da visita aos locais turísticos que tem início a pedagogia do ócio, desvelando-se, assim, o turismo pedagógico. O qual, também, para Rojek (1997) resulta da culturalização das práticas turísticas, onde os indivíduos são motivados a consumir um produto turístico que os tornem melhores, mais instruídos.

No caso dessa pesquisa, dois empreendimentos turísticos de Urubici, o Eco do Avencal e o Sítio Arroio da Serra, foram escolhidos. A partir deles, Liebgott examinou como o turismo e os teores pedagógicos se confluem nesses espaços, produzindo novos significados. Para isso, analisou folders de divulgação desses locais e realizou visitas *in loco*, para entrevistar proprietários e funcionários desses estabelecimentos.

Através dessa pesquisa, percebeu que esses locais foram criados e ressignificados para oferecer aos turistas um produto pedagógico consumível, em consonância com os imperativos de pedagogias vigentes, que incentivam a preservação da natureza com a intencionalidade de, conforme Camozzato e Costa (2013), produzir sujeitos ecologicamente sensíveis.

Ademais, o pesquisador salienta que esses empreendimentos, para oferecer um produto turístico agroecológico consumível, tiveram seus espaços e instrumentos característicos da atividade agrícola - que ali, *a priori*, era desenvolvida - ressignificados. Isso ocorreu pois foram-lhes atribuídos outros sentidos, através de práticas de representação que recriaram esse local. Revestindo-o de significados, cujo valor simbólico não mais os vincula à economia fundamentada na agroindústria, mas sim, à turística mercadológica

A seguir, também convocando o conceito de pedagogias culturais, apresenta-se a dissertação de Rodrigues (2011), intitulada “Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza: uma análise cultural dos caminhos rurais de Porto Alegre”. A autora investiga as representações acerca da natureza e do rural nos diversos artefatos culturais produzidos nesse roteiro. Com o intento de, ainda, identificar conexões entre essas representações e os possíveis ensinamentos que disseminam na cultura.

Nessa pesquisa, Rodrigues realizou análises culturais de materiais de divulgação do Caminhos Rurais de Porto Alegre. Por intermédio desse processo de desnaturalização, identificou que a ideia de “natureza” e de “rural” advém de um processo de construção cultural, elaborado por práticas de representação, que fazem circular múltiplos significados sobre a natureza e o rural dos Caminhos Turísticos Rurais de Porto Alegre, disseminando-os de um modo particular no entorno.

Pelas análises culturais, a pesquisadora observou, ainda, que a natureza nesse local é representada associada à nostalgia, remetendo à noção de saúde e sustentabilidade. E, também, notou a presença de pedagogias culturais, que endereçam aos visitantes ensinamentos sobre sustentabilidade e qualidade de vida.

Cabe realçar que, na pesquisa, Rodrigues procura, através do conceito de identidade, compreender as mudanças nas identidades dos moradores locais. Woodward (2000) afirma que as identidades são produzidas no âmago da cultura e que em distintos contextos sociais mobilizam as pessoas a se posicionarem de um modo diferente em cada um. Com base nessa autora, Rodrigues explica a modificação produzida na identidade dos moradores dos Caminhos Turísticos Rurais, devido a nova atividade econômica que ingressa na cultura local, onde o agricultor passou a posicionar-se como empreendedor.

Ainda com relação ao conceito de identidade, foi analisada essa mudança nas identidades desses sujeitos, correlacionando com outro importante conceito dos Estudos Culturais, o Hibridismo. Para Canclini (2006, p. 19), ele refere-se “(...) a processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O hibridismo, conforme o autor, é fundamental para transcender discursos biológicos, essencialistas de identidade, de autenticidade e pureza cultural, encetando uma outra perspectiva teórica para discutir identidades, multiculturalismo e os pares organizadores da ciência social: tradição-modernidade, Norte-Sul, global-local.

Através do Hibridismo, Rodrigues examinou a “produção de novos sujeitos”, que desencadeou a mudança nas identidades das pessoas locais. Para isso, cita a proprietária de um empreendimento turístico, que possui formação acadêmica na cidade, mas que negociou entre práticas urbanas e rurais, produzindo novas práticas culturais que lhe viabilizassem atuar como empreendedora turística do meio rural.

Por meio desse conceito, também, destacou que o turismo rural pode ser entendido como resultado de um processo de hibridização, ao promover o contato intercultural de pessoas do meio urbano com as da zona rural, sendo que esse intercâmbio atribui novos significados ao rural, refuncionalizando-o, produzindo o que chama de rural hibridizado.

Através dessa pesquisa, depreende-se a relevância do hibridismo para analisar aspectos turísticos, pois para Franklin (2009), o turismo é o agente que atua na dinâmica de mudanças, promovendo transformações pelo mundo globalizado, catalisando hibridizações de lugares, pessoas e culturas, para implantação de suas atividades.

Além das investigações apresentadas, é interessante examinar os efeitos da patrimonialização. Assim, aduz-se a dissertação de Martins (2014), intitulada, “A invenção do patrimônio cultural Villa Mimosa, Canoas/RS: representações e pedagogias culturais”. A autora teve como objetivo mapear estratégias de representação sobre esse patrimônio cultural. Para isso, mobilizou conceitos teóricos de patrimônio cultural, representação, identidade e pedagogias culturais, para desnaturalizar narrativas de preservação patrimonial e entender como foram produzidos diferentes significados para esse patrimônio cultural, diante da arena de disputas políticas-sociais pertinentes a esse processo.

Para compreender essa pesquisa, inicialmente, é relevante refletir acerca do entendimento de patrimônios culturais através dos Estudos Culturais. Choay (2001) explica que a noção de patrimônio teve início no final do século XVIII, como um modo de preservar os bens do clero e da nobreza sob os riscos da Revolução Francesa.

Por outro lado, de acordo com Ferreira (2004), ao se falar de patrimônio é fundamental observar a impossibilidade de se aplicar uma definição única, uma vez que se trata de uma categoria que tem sentidos e significados diferenciados conforme o grupo social que lhe reconhece como seu.

Nesse sentido, é imprescindível problematizar a noção de patrimônio cultural imaterial para “além da pedra e cal”. Sobre isso, conforme salienta Fonseca (2003), a ideia de patrimônio cultural, ademais de invocar o “conjunto urbano edificado” abarca, também, as diferentes manifestações culturais, portadoras de referência às memórias dos diversos grupos formadores das sociedades, que constituem seu patrimônio imaterial ou intangível.

Vale destacar que, segundo Canclini (1994), a noção de patrimônio está imbricada em uma arena de disputa material e simbólica entre distintos grupos sociais, étnicos, culturais, religiosos, entre outros. Consoante ao autor, por parte desses grupos existe uma intencionalidade ao elevar determinado objeto ou lugar à categoria de patrimônio. Para esse teórico há, ao menos, quatro paradigmas políticos culturais tratando da patrimonialização, sendo que, para o turismo, o de maior relevância é o mercantilista, pois “os gastos requeridos para a preservação do patrimônio são uma inversão justificável caso resulte em dividendos para o mercado imobiliário ou ao turismo” (CANCLINI, 1994, p. 104).

Apropriando-se dessas noções de patrimônio, Martins (2014) analisou a produção cultural de diferentes estratégias de representação do Patrimônio de Villa Mimosa, em Canoas, no Rio Grande do Sul. Conforme descreve, trata-se de uma casa construída no início do século XX por um imigrante alemão, cuja fachada principal possui elementos de estilos variados. Dentre as estratégias de representação desse patrimônio, a autora observou como mais recorrentes, as de monumentalização, espetacularização e culturalização.

Fundamentando-se em Canclini (1994), Martins explica que as estratégias de representação que produzem a ideia de monumentalidade à Villa Mimosa, associam-se à arquitetura, que evoca o monumental e, ainda, à missão do Estado de preservar bens históricos, símbolos de coesão e grandeza de um local. Conforme a autora, a própria narrativa do Parecer Técnico atribui monumentalidade à casa pelo seu valor artístico, arquitetônico e histórico.

Ainda, sobre a monumentalidade, explicou que as restaurações de prédios históricos objetivam manter sua vivacidade e magnificência. Dentre as restaurações realizadas, a pesquisadora destaca àquela que agregou iluminação à casa, afirmando que se trata de uma estratégia recorrente para elevar prédios à categoria de pontos turísticos.

Acerca da estratégia de representação da espetacularização de Villa Mimosa, Martins descreve que o foco do patrimônio é produzir o efeito de espetáculo. Em Vila Mimosa, algumas das estratégias de espetacularização são exposições de pinturas do local, realizadas por artistas de Canoas, sendo que nelas, a casa de Villa Mimosa é isolada da paisagem urbana para lhe conceder maior destaque. E, ainda, através de mensagens mediáticas nos jornais, que descrevem esse patrimônio como um ícone de Canoas, a autora destaca que essas práticas de representação enobrecem o patrimônio histórico do local, ampliando sua notabilidade, atratividade no entorno, para promover sua mercantilização.

Com relação às estratégias de representação da culturalização de Villa Mimosa, Martins destaca a refuncionalização do local, pois, *a priori*, tratava-se de uma casa familiar que, após a patrimonialização, foi nomeada como a Casa de Artes de Villa Mimosa. Apropriando-se de Vaz (2004), explica que o termo culturalização contempla o uso estratégico do patrimônio, como recurso cultural, para promover o desenvolvimento econômico do local, através da industrialização da cultura, promovendo novas formas de lazer para o consumo.

Por fim, sobre essa pesquisa, é fundamental destacar a inter-relação entre os patrimônios culturais e o turismo que, através dos Estudos Culturais, desvelou-se, principalmente, pelos efeitos decorrentes da patrimonialização e das estratégias de representação, que notabilizam o patrimônio para convertê-lo em um produto turístico.

Ao mobilizar o conceito de patrimônio, representação, pedagogias culturais e identidade, apresenta-se, a última dissertação: “Festas regionais como pedagogias culturais: um estudo sobre a Kuchenfest e o Rolantchê no município de Rolante, Rio Grande do Sul. Realizada por Freitas (2018), objetivou analisar de que modo esses dois eventos, cujas práticas estão arraigadas ao turismo, consumo, evocam tradições culturais e étnicas. Para desenvolvê-la, a autora empreendeu análises culturais dos documentos disponíveis no Museu Histórico de Rolante e de materiais de divulgação dessas festas em jornais da região e no Facebook.

Segundo a autora, Rolante é uma cidade do Rio Grande Sul, colonizada, principalmente, por alemães, sendo que, à essa etnia, deve-se o título que recebeu: capital nacional da *cuca*, *Kuchen*, em alemão, que é um dos pratos típicos da culinária germânica (bolo cuja massa é coberta por uma farofa crocante amanteigada). Com o propósito de cultuar o legado deixado pelos alemães, as cucas, Freitas explica que, anualmente, realiza-se, no Parque Municipal de Eventos de Rolante, a Kuchenfest, durante três dias, onde são ofertadas inúmeras atividades. Contudo, as atrações do evento são a *cuca* e o *chope*.

Anualmente, além da Kuchenfest, ocorre o Rolantchê, que consoante a pesquisadora, foi elevado à condição de Patrimônio Cultural do Rio Grande Sul, ao aludir às tradições gaúchas. Nessa festa, realizam-se concursos de danças gauchescas, declamações, ademais de outras atividades que enaltecem a lida campeira e elementos da cultura gaúcha, como o chimarrão, o churrasco e a vestimenta do gaúcho.

Para analisar essas festas, outro conceito dos Estudos Culturais, do qual apropriou-se, foi o de Consumo Cultural que, segundo Canclini (1993), é entendido como os processos de apropriação de produtos, nos quais o valor simbólico é hegemônico sobre o valor de uso. Através desse conceito, Freitas compreendeu que os produtos comercializados nessas festas, que no caso da Kuchenfest, a *cuca* e o *chope* e, do Rolantchê, peças da indumentária do gaúcho, encontram-se subordinados a uma dimensão simbólica, vinculando-os respectivamente à etnia germânica e à gaúcha. Esse valor simbólico impulsiona sobremaneira o consumo desses produtos, atraindo visitantes de outras localidades, invocando um tipo de turismo conhecido

como turismo étnico, que conforme Freitas (2018) apropria-se de nichos específicos, envolvendo a valorização de aspectos que tangem à ancestralidade, à tradição, para intensificar o fluxo turístico e o mercado de consumo de uma localidade.

Ainda sobre essa pesquisa, *a priori* de apresentar, na seção subsequente, as conclusões desse artigo, é importante correlacioná-la aos estudos de Köhler (2019). Ao analisar as motivações dos turistas por atividades culturais, esse autor destaca o turismo étnico que, na pós-modernidade, recupera, reinventa atributos de uma etnia, como vestuário, artesanato, gastronomia, para criar um produto turístico, cujo apelo de consumo vincula-se ao valor simbólico através do qual foi representado e disseminado no entorno.

## 6 CONCLUSÕES

Para apresentar as conclusões desse artigo, recorreu-se à Larrosa (2003). O autor, ao tratar da lição, do ensinar, do aprender, explica que a leitura é uma mútua entrega, onde leitores colocam-se à disposição para ler e, em contrapartida, o texto oferece-lhes hospitalidade e acolhimento.

O convite à leitura desse artigo endereça-se àqueles que se depreendam como permanentes aprendizes e que percebam a necessidade de requestar visões teóricas que lhes viabilizem tencionar sobre o turismo através de outras perspectivas. Portanto, a invitation que esse texto oferece aos seus possíveis leitores é a de refletir sobre o turismo à luz das lentes dos Estudos Culturais.

Nesta direção, esse estudo pretendeu pormenorizar as conexões entre o Turismo e os Estudos Culturais e, através da apresentação de pesquisas que foram empreendidas a partir do diálogo entre os Estudos Culturais e o Turismo, descrever os efeitos advindos a partir dessa articulação.

Assim, dentre os achados contingentes dessa pesquisa, salienta-se a produtividade dos conceitos teóricos dos Estudos Culturais para estudar aspectos turísticos. Nas dissertações analisadas, notou-se, sobremaneira, a utilização do conceito de representação. Em cada trabalho, indistintamente do objetivo de pesquisa, percebeu-se o préstimo desse conceito, principalmente, na elaboração e promoção do produto turístico.

Salienta-se, também, o conceito de pedagogia cultural, pois através do qual entreve-se o turismo, também, como uma dimensão educativa da sociedade e, ainda, com um viés mercadológico que oferecerá ao público uma experiência instrutiva consumível. Nesse sentido, destacam-se as pesquisas de Rodrigues (2010) e Liebgott (2015), que, através dele, analisaram o produto turístico como uma experiência pedagógica, que vista endereçar ao consumidor certas aprendizagens.

Outro conceito notável, nas dissertações examinadas, foi o de Hibridismo. Nessa direção, Rodrigues (2010), ao analisar a atividade turística oferecida nos Caminhos Rurais de Porto Alegre, reconheceu os resultados desencadeados pela hibridização que ressignificaram a identidade dos sujeitos, a atividade agrícola

desenvolvida no meio rural, convertendo-a em uma experiência turística: - o turismo rural - oportunizando experiências antagônicas àquelas corriqueiras da cidade.

Através da análise da pesquisa desenvolvida por Freitas (2018), percebeu-se a relevância do conceito de identidade e consumo cultural para a produção de festas, eventos associados a etnias, que ensejam e fomentam o chamado turismo étnico.

Salientam-se, ainda, os efeitos da elevação de edificações, costumes, à categoria de Patrimônio Cultural, conforme observou-se na pesquisa de Martins (2014), que, ao analisar os processos de patrimonialização, identificou que eles visam transcender a égide preservacionista, para confeccionar e promover um produto turístico e cultural consumível.

Ademais do destaque a cada uma das dissertações, ressalta-se que esse artigo não tentou impor os Estudos Culturais como uma panaceia para análise e entendimento do turismo. Se assim fosse, estaria em dissonância com esse campo de estudos, o qual rejeita as explicações totalizantes e unidimensionais. Contudo, as constatações transitórias advindas por meio deste esforço investigativo exemplificam o préstimo da articulação entre os diversos campos de saber, para promover o avanço, ampliação dos conhecimentos socialmente construídos no âmbito do turismo.

Portanto, ao reconhecer o turismo, sob as lentes teóricas dos Estudos Culturais, como um fenômeno cultural dinâmico, constituído por um complexo conjunto de práticas discursivas, entrevê-se a oportunidade reflexionar sobre as práticas de representação que produzem a imagem turística dos mais diversos destinos e, também, a despeito das experiências que esses locais propiciarão aos seus visitantes, inclusive ao proporcionar aprendizagens aos turistas, a partir do conceito de pedagogias culturais. Nesse sentido, através dessas lentes, notabiliza-se o ensejo a ininterrupção das práticas de pesquisa que promovam o diálogo entre o turismo e os Estudos Culturais para a promoção de experiências turísticas cada vez mais plurais e inclusivas.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. M.; SILVEIRA, L. A mercantilização e exotização do outro no turismo. In: BRAMBILLA, A.; BAPTISTA, M. M.; VANZELLA, E.; SILVEIRA, L. (Orgs.). **Cultura e turismo: interfaces metodológicas e investigações em Portugal e no Brasil**. João Pessoa: CTA, 2017, p. 23-48.

BRAMBILLA, A. **Cultura e Enoturismo: um estudo na Região Demarcada do Douro**. Portugal: NEA, 2015.

BRASIL. Ministério do Turismo. O impacto da pandemia de COVID-19 nos setores de Turismo e Cultura do Brasil. **Revista Dados & Informações do Turismo no Brasil**. 2ª Edição, 2021. Disponível em: <<http://dadosefatos.turismo.gov.br/revista.html>>. Acesso em 20 fev. 2023.



CAMOZZATO, V. C.; COSTA, M. V. Vontade de Pedagogia – pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Revista Cadernos de Educação**, Pelotas (RS), n. 44, p. 22-44, jan./abr. 2013.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2006.

CANCLINI, N. G. O patrimônio cultural e a construção imaginária do social. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 23, p. 95-115, 1994. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8429>>. Acesso em 12 mar. 2019.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, 2003,. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

CROUCH, D. The Diverse Dynamics of Cultural Studies and Tourism. In: JAMAL, T.; ROBINSON, M. (Orgs.). **The Sage Handbook of Tourism Studies**. Londres: Sage, 2009, p. 82-97.

DJAFAROVA, E.; ANDERSEN, H. C. Visual Images of Metaphors in Tourism Advertising. In: BURNS, P.; LESTER, J. A.; BIBBINGS, L. **Tourism and Visual Culture: Methods and Cases**. Londres: CABI Publishing, 2010, p. 36-42.

DU GAY, Paul et al. **Doing cultural studies**: the story of the Sony Walkman. London: Sage, 1997.

FERREIRA, M. L. Patrimônio: As várias dimensões de um conceito. **História em Revista**, Pelotas (RS), v. 10, p. 29-39, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/HistRev/article/download/11655/7485>>. Acesso em 16 nov. 2020.

FONSECA, M. C. L. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Orgs.). **Memória e Patrimônio: Ensaios Contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 59-79.

FRANKLIN, A. The Sociology of Tourism. In: JAMAL, T.; ROBINSON, M. (Orgs.). **The Sage Handbook of Tourism Studies**. Londres: Sage, 2009, p. 65-81.

FREITAS, L. L. de. **As festas regionais como pedagogias culturais**: um estudo sobre a Kuchenfest e o Rolantchê no município de Rolante – RS. 170 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas (RS), 2018.

FRIEDMAN, J. Culture, Identity and World Process. In: FRIEDMAN, J. **Cultural Identity and Global Process**. London: Sage Publications, 1994, p. 78-90.

GROSSBERG, L.; NELSON, C.; TREICHLER, P. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, T. T. (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais**. 9. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011, p. 7-37.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HALL, S. Quem precisa de identidade. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000, p. 103- 112.

HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Tradução de Ricardo Uebel, Maria Isabel Bujes e Marisa Vorraber Costa. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/download/71361/40514>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KUSZTELAK, A. A pedagogical and psychological exegesis of tourism. In: SZNAIDER, M. J. (Org.) **Metropolitan Commuter Belt Tourism**. Londres: Routledge, 2017, p. 227-242.

KÖHLER, A. F. Turismo cultural: principais tipos segundo a motivação dos turistas. **Ateliê Do Turismo**, Campo Grande, v. 3, n. 1, p. 8-30, 2019. Disponível em: <<https://desafioonline.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/9008/7288>>. Acesso em: 18 set. 2022.

LARROSA, J. B. Sobre a lição. In: LARROSA, J. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 139-146.

LIEBGOTT, C. A. **Viajar, contemplar e consumir a natureza nos espaços híbridos de turismo pedagógico**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas (RS), 2015.

MARTINS, M. **A Invenção do Patrimônio Cultural Villa Mimosa, Canoas/RS: Representações e Pedagogias Culturais**. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação)

– Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas (RS), 2014.

MOESCH, M. M. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2018.

PRZECLAWSKI, K. Tourism as the subject of interdisciplinary research. In: PEARCE, D.; BUTLER, R. (Eds.). **Tourism Research: critiques and challenges**. Londres: Routledge, 1993, p. 9-19.

RESTREPO, E. Estudios culturales y educación: posibilidades, urgencias y limitaciones. In: SARAIVA, K.; MARCELLO, F. (Orgs.). **Estudos culturais e educação: desafios atuais**. Canoas (RS): Ed. Ulbra, 2016, p. 87-100

RODRIGUES, M. C. **Pedagogias do turismo rural e patrimonialização da natureza: uma análise cultural dos caminhos rurais de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas (RS), 2011.

ROJEK, C. Indexing, dragging and the social construction of tourist sights. In: ROJEK, C; URRY, J. (Orgs.). **Touring cultures: transformations of travel and theory**. Londres: Routledge, 1997, p. 52-74.

ROJEK, C.; URRY, J. Transformations of travel and theory. In: ROJEK, C.; URRY, J. **Touring cultures: transformations of travel and theory**. Londres: Routledge, 1997, p. 1-22.

SALIM, M. A. B.; IBRAHIM, N. A. B.; HASSAN, H. Language for tourism: A review of literature. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 66, n. 1, p. 136-143, 2012. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812052408>>. Acesso em 14 de out. de 2021.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000, p. 73-102.

SILVA, T. T. **Currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMON, R. I. A pedagogia como uma tecnologia cultural. 9. ed. In: SILVA, T. T.

**Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011, p. 61-84.

STEINBERG, S. R. Produzindo múltiplos sentidos – pesquisa com bricolagem e pedagogias culturais. In: SARAIVA, K.; MARCELLO, F. (Orgs.). **Estudos culturais e educação:** desafios atuais. Canoas (RS): Ed. Ulbra, 2016, p. 211-243.

TRIBE, J. The indiscipline of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 24, n. 3, p. 638-457, 1997.

VAZ, L. F. A “culturalização” do planejamento e da cidade: novos modelos. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v. 1, p. 31-42, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma questão conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000, p. 7-72.

**TS**